Lisboa
...rgo da Biblioteca
Todas as reclamações relativas a assignaturas devem ser
...anhadas d'esta cinta.
Lisboa

Pola:fei:e
pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Atalaia, 134
Editor — João M. Santos
Telefone: C. 1039

Aos eleitores monarquicos

O movimento revolucionario de 5 de dezembro teve no país inteiro uma repercussão do entusiasmo, legitimamente justificado pela esperança de que nessa data ficasse encerrado o periodo de opressão e arbitrio a que, desde o advento da Republica, vinha subordinada a vida nacional. Como se não bastassem as preocupações e consequencias de toda a especie, derivadas da tremenda guerra em que nos achamos envolvidos e da qual firmemente crêmos que Portugal sairá com honra, os sucessivos governos republicanos nos parece que timbravam em pôr á prova a paciencia do país, suprimindo a liberdade individual, vexando a consciencia religiosa e dando a todos nós o espectaculo doloroso de uma administração sem escrupulos.

Neste desvario governativo aos monarquicos coube o maior quinhão de sofrimento. A sua imprensa, por vezes privada do direito de viver, apenas logrou intermitentemente existir sob um regimen de censura arbitraria e na constante ameaça de uma violenta supressão. No parlamento, nas corporações administrativas, ou não tinham representação ou tinham de conquistar esse primacial direito com lutas muitas vezes ensanguentadas.

Era manifesto o proposito de alheal-os da vida publica, de traze-los arredados da defesa dos seus interesses, para que não pudesse evidenciar-se que a Nação estava sob o dominio de uma minoria ousada e carente de escrupulos. E' inutil relembrar o que foi a triste odisséa dos encarceramentos nos porões dos navios de guerra, no tenebroso segredo das celas das penitencias e dos presidios militares, as torturas fisicas dos que houveram de arrostar com as selvagerias de uma populaça, exaltada a frio, e apostada a vexar os prisioneiros. Tudo isso, que constitue o nosso patrimonio de justificado queixume, chegou talvez o momento de o propôr perante a desejavel espectativa de que o advento da *nova republica*, preconisada pelo chefe do governo actual, possa traduzir-se numa pacificação em que todos os direitos sejam acatados e assim logrem os monarquicos ter o seu logar ao sol de uma ampla e justa liberdade.

Poderá isso ser?

Não vem a Comissão eleitoral monarquica nomeada pelo representante de S. M. El-Rei, formular hipoteses de um pessimismo doentio. Tão pouco pretende dar conselhos a quem lhos não pede, a quem não pretende tutelar.

Desde a primeira hora de vida do governo, saído dessa revolução, mal foram anunciados os propositos de uma equitativa distribuição das regalias das leis, os monarquicos portuguêses pela sua imprensa se apressaram a anunciar a benevolencia com que ficariam aguardando os actos governativos. Porque não ignoram as trascendentes dificuldades do momento actual, não querem avolumal-as para não semear perigosos artificios no caminho do governo. Esse inglorioso trabalho deixam-no á reserva de más paixões que fermentam nos partidos que foram vencidos em 8 de dezembro. Nós nem fomos vencedores, nem derrotados então.

Hoje, como antes, perante os problemas da guerra, mantemos aquele patriotico silencio e aquela tregua de paixões que impõe a nossa devoção á causa dos aliados, por cujo amor se está derramando o mais generoso sangue portugues. Pois essa mesma correcta atitude pretenderam desvirtuar os adversarios, que em tempo algum quizeram reconhecer nem o nosso lealismo nem a abnegação de quem nunca contou enriquecer ou colher beneficios pessoaes da guerra. Como no passado, desse apuro a que se está procedendo das criminosas lapidações dos dinheiros publicos, sairão imaculados os monarquicos. Bastar-lhes-ha a honra de não terem regateado o sangue dos seus filhos e a de terem encorajado com o seu aplauso a dedicação patriotica dos sacerdotes catolicos.

Será, porém, alguma coisa mais que essa benevolente espectativa o que nos pede o governo actual?

Das suas palavras se infere, se não estamos em erro, que desejaria não só que se integrassem os monarquicos na vida publica; mas que dessem o seu concurso ao empreendimento da restauração de melhores costumes politicos num formulario de uma *republica nova*.

Se esta é a sua orientação, não poderá ir tão longe a nossa cooperação benevolente e desinteressada.

Subjugada a demagogia—se isso é possivel com o actual regimen—garantida a tranquilidade, postos nos eixos os serviços publicos, aberta a porta ás competencias dos partidos, não temos outro maior dever que o de recuperar a liberdade de acção e luctar, com o nosso só esforço, pela victoria desses principios que ajudaram a formar a nacionalidade portuguesa e em mais de sete seculos lhe asseguraram periodos de longa prosperidade. E' discutivel talvez até onde deva levar-se o ardor combativo dos monarquicos; mas, seja até onde fôr, assegurada a liberdade da urna, entende a Comissão eleitoral monarquica que não é este o momento de procurar obter do seu eleitorado senão aquela representação indispensavel para pôr em evidencia a força e o prestigio dos principios que defende.

Perante a historia e a consciencia publica as actuais instituições assumiram tremendas responsabilidades que, *elas só*, deverão liquidar. Adir-lhes inoportunamente a herança seria um castigo que pelo nosso passado não merecemos e que, por bem do nosso futuro, não desejamos agora.

E porque a situação dos monarquicos atingiu estremada delicadeza é que nós, recomendando aos partidarios uma calma atitude para com o actual governo, sem impaciencias que o bem publico condenaria, preconisamos tambem uma estreita subordinação ás indicações dos que supõem, pela sua provada dedicação á Causa, de que El-Rei é o supremo simbolo, merecerem a honra da sua confiança.

Não pretende a comissão eleitoral monarquica pôr limites á liberdade do eleitor na escolha dos seus representantes. A intimidade de relações que ela recomenda não tem outra finalidade senão a de affirmar uma disciplina que, conjugando todos os esforços, possa servir para dar a todos os que nos virem unidos a noção exacta do proposito em que estamos de entrar na plenitude dos nossos direitos de cidadãos e fazer deles o instrumento futuro de patrioticas reivindicações.

A ordem publica, a solidariedade de todos nós perante a guerra, são razões de sobra para justificar o desinteresse com que apoiamos quem pela ordem nos responda. A liberdade de acção, essa reserva-la-hemos para as luctas politicas que mais interessam á vida dos partidos.

A Causa monarquica não póde nem quer viver do equivoco. Porque tem consciencia dos perigos que acarretaria a anarquia interna, dá todo o seu esforço para o restabelecimento da ordem e disciplina desta democracia conturbada pelos desregramentos dos sete ultimos anos. Mas isto não significará nunca abdicação dos principios fundamentais da sua confissão politica: igualmente não estamos dispostos a transpôr os limites alem dos quais seria dificil descriminar monarquicos e republicanos.

E porque só este é o seu honrado proposito, a Comissão eleitoral monarquica recomenda a todos os partidarios estreita e confiante união que afirme e robusteça a sua disciplina. Todo o individualismo poderia ser nocivo e sem remedio. Toda a transacção isolada pode importar compromissos que, neste momento poderiam pôr em risco essa unidade, sem a qual não ha lograr victorias duradouras. Em qualquer conjunctura a Comissão eleitoral monarquica procurará, para honrar a missão de que foi incumbida, inspirar-se apenas nos interesses da Nação; igualmente espera da lealdade e bom senso dos seus correligionarios toda a abstenção de acordos isolados e de outros procedimentos, com os quais seria facil simular anarquia onde de facto existe absoluta concordancia de ideais.

Todos nós queremos a victoria da nossa causa. Para alcança-la não ha melhor expediente que caminharmos unidos sejam quaes forem os aspectos e a essencia dos problemas que venham a pôr os acontecimentos politicos.

Esta solicitação não pretende coarctar liberdades: sómente visa a coordenar pelas instrucções que ulteriormente serão enviadas, a acção de todos os monarquicos no país inteiro perante as obscuridades do dia de amanhã.

E tantas poderão elas ser que a todos se impõe uma reserva de procedimentos que não é compativel com acordos parciaes ou temporarias abdicações de principios, por uteis que aos monarquicos se afigurem ser para os interesses publicos.

Lisboa, 7 de Fevereiro de 1918.

Adriano Xavier Cordeiro, presidente da Junta Central do Integralismo Lusitano.

Anibal d'Andrade Soares, sub-director do *Diario Nacional*.

Antonio Ferreira Cabral Paes do Amaral.

Antonio Tetes de Vasconcelos, director d'*O Liberal*.

Conde de Monsaraz, director d'*A Monarquia*.

José Augusto Moreira d'Almeida, director de *O Dia*.

José dAzevedo Castelo Branco.

D. Luiz Filipe de Castro, (Conde de Nova Gôa).

Notas da Guerra

Tem sido um sucesso na Russia e nos países balkanicos em geral a diplomacia «boche». Esse sucesso é talvez devido á maneira grossa e brutal com que a Wilhelmsstrasse costuma conduzir os negocios; tais processos em países primitivos, ainda perto da rudeza original, dão um resultado seguro e parece que quanto mais ingenuamente estupidos melhor.

Agora é a Ukrania que é solicitada pela Alemenha que a pretende atirar contra a Romenia á qual não perdôa a atitude tomada em 1916.

Na atmosfera diplomatica ha neste momento uma calmaria aparente mas que forja grandes acontecimentos.

Ou muito nos enganamos ou a este adormecimento da superficie corresponde uma enorme actividade de notas secretas, não podendo nenhum dos beligerantes divulgar nem a milessima parte do que se trata e se discute.

«A Monarquia» não aceita colaboração que não seja solicitada, excepto tratando-se de integralistas, para quem as nossas colunas se encontram sempre abertas. Fazemos este aviso, porque a forçada redução de paginas nos obriga a reduzir tambem aos amigos da casa o pouco espaço de que dispomos.

No bom combate

Não esmorece nunca a nossa fé nacionalista. De dia para dia a vemos mais forte e mais erguida, clareando a cerração em que o futuro da Patria se enegrece e esconde. Acentuemo-lo hoje como sempre. E' principalmente á formação duma mentalidade tradicionalista que nós tendemos, sem que com isso ponhamos de parte o necessario interesse pela Ação. Deste modo, o nosso cuidado maior vai para a gente nova,—para os que mais de perto se sentem vitimas duma situação que não crearam. Não somos enganados nessa confiança na geração mais moça que a nossa. Para o provar, si vai um significativo e vigoroso depoimento, que chega a esta secção por intermedio do nosso querido companheiro dr. Armando da Silva:

Sr. Dr. Armando da Silva

Tenho seguido atentamente o desenvolver da doutrina integralista, nas columnas desse apreciado jornal, e com prazer constato ver como se coadunam com ela os melhores sonhos da minha mocidade.

Pertencendo a uma geração vinda ao mundo para expiar os erros dos seus antecessores, o nosso espirito revolve-se naturalmente na busca dos meios de tornar esta expiação mais suportavel, a ponto de deixar de o ser, para se tornar em compensação.

Postos de lado os falsos doutrinarismos que foram a desgraça dos nossos pais, trazida para a luz do nosso espirito a verdade bemdita do Integralismo, só nos era consentido um caminho: enveredar pela estrada que á nova geração se abria, pelo caminho admiravel do Nacionalismo.

O nosso país sofreu, como tantos outros, os resultados da ideologia revolucionaria! Perdidos nesse abismo que nos conduz ao caos, quasi se nos torna impossivel reagir contra a maré. Mas, para quem possue uma Fé duravel e sincera, para quem, ao defender uma ideia, não lhe procura os proventos nada é impossivel!

Temos muitas dificuldades a vencer, muitos espinhos a cortar, no cumprimento da nossa missão, de um lado a descrença, do outro a aberração. Se temos quem nos combata frente a frente, perdido no seu erro inconsciente, tambem temos que contar com a má fé dos interessados na ruina de tudo isto—desta Patria que os nossos avós nos legaram e que os nossos pais tão pessimamente teem sabido defender! E preciso, pois, vestir a couraça de Animo e descer a viseira da Inteligencia.

E se no bom combate caírmos, restar-nos-ha uma consolação: termos morrido pela Patria,—eterno ideal de todos os bons portugueses—redimindo com o nosso sangue puro de moço as loucuras que, porventura, os nossos maiores tenham praticado, perdidos nos abismos da ideologia do seculo!

Não fui buscar o meu sentir ás bibliotecas dos grandes filosofos, nem ao pensamento dos grandes espiritos: a minha Ideia despertou naturalmente do meu coração amante da minha Patria, e se no meu espirito falta a necessaria ilustração para bem defender a Causa Santa da Patria, julgo que isto poderá em parte ser compensado pelo que de sincero ha nas minhas palavras, pelo que de decidido ha nas minhas Ideias!

No rol brilhante da falange Integralista póde v. inscrever mais um nome obscuro de soldado,

Tenho a honra de me subscrever com a maior admiração e estima

Seu dedicado correligionario
João Camilo Felix Correia.

O senhor João Camilo Felix Correia já apurou armas de combatente no jornalismo monarquico. Não é muita ainda a sua idade. Até será entre nós dos mais novos em tudo. Não é, porém, circunstancia que lhe diminua o valor. Até lh'o redobra, ao considerarmos na nobreza das suas palavras e no calor que as inspira. Tem qualidades não vulgares de inteligencia o senhor Felix Correia. Ele as desenvolverá, nobilitando-o no seu forte desejo de bem servir a Patria, que é o melhor timbre heraldico de quem nasceu para um destino superior.

Com a sua adesão mais um cipo fica apontando a passagem do *Integralismo*. D'aqui o saudamos na melhor comunhão de aspirações e que a sua voz se una a nossa voz, no mesmo brado viril e entusiastico, em que o nosso dever de integralistas se resume:

Propaganda!

Propaganda!

Propaganda!

"Cancioneiro de Coimbra,,

Bom peregrino das devoções nacionais, Afonso Lopes Vieira continua na sua admiravel jornada de poeta todo ele entregue ao culto da nossa terra. Visitou-nos hoje o *Cancioneiro de Coimbra, em que se contêm poesias portuguesas, d'aos sauaosos campos inspiradas, desde o seculo XV até aos nossos tempos, com uma sylec de romances d cantigas fradicionais, escolhidas por Afonso Lopes Vieira.*» Alvoroçadamente damos a toda a novidade aos nossos amigos, enquanto mais devagar não festejamos a inspirada ideia de Afonso Lopes Vieira, que assim reuniu num volume doce como um livro de Horas o florilegio da emoção lusitana á terra encantada de Inês, onde entre loureiros e cedros, tremula sempre a neblina doirada do Jardim dos Imortais.

Politica de Arouca

Chegam-nos noticias deveras significativas da terra de Santa Mafalda. Conseguiu o abade de Arouca, senhor padre Antonio Brandão, reunir á sua volta um grupo de gente moça e cheia de sinceras intenções. Pelo seu porte moral e raras qualidades intelectuaes, o Rev.do Brandão é uma *autoridade-social*,—como Le Play as definia. Usando desse seu prestigio, não hesitou em entrar no bom combate tanto contra republicanos como contra liberalistas. Graças ao seu esforço, o eleitorado catolico subiu ali de trezentos eleitores a setecentos.

Ora obra saneadora do abade de Arouca encontrou pela frente a influencia local dum tal Sousa e Brito, conservador em Aveiro, antigo progressista, depois democratico, e agora homem todo ele do senhor Sidonio. Por outro lado o talassismo indigena não olha com vistas favoraveis a ação benefica do Rev.do Brandão e do seu grupo. E o resultado é manter-se ali a farça ignobil do *União-sacrado* unicamente para aniquilar uma obra tão cheia de sentido e de alcance. O que vemos então? Nesta hora de pacificação,—que mito!—Sousa e Brito, de companhia com um dr. Sobrinho, evolucionista e mais apaniguados e com democraticos á mistura, empenhando-se numa luta de morte contra o Padro Brandão e contra os seus amigos.

Representante duma força sensivel, como fica demonstrado, viram-se eles excluidos da comissão administrativa municipal, por virtude da referida cavala. Não pode a *Monarquia* deixar de se pôr ao seu lado chamando a atenção do senhor Ministro do Interior para o que se passa em Arouca. As nossas informações são do que a situação criada depois de 5 de dezembro é ali ainda mais vexatoria do que a anterior. Lavramos o nosso protesto, preguntando ao governo como é que as suas intruções são cumpridas no districto de Aveiro.

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Na reunião de ontem, realisada em casa da sr.ª D. Branca de Gonta Colaço, a comissão de homenagem á sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho resolveu que fossem os srs. conde de Sabugosa, conselheiro Antonio Candido e José Antonio de Freitas que constituissem a comissão que redigirá a mensagem a entregar á ilustre escritora. Tambem resolveu dar um voto de plena confiança ao sr. dr. Carvalho Monteiro para tratar de tudo o que despeita ao cofre em que a mesma mensagem deve ser encerrada.

«Palavras ao Rey e ao Reyno»

Por motivos de força maior somos obrigados a retirar o nosso editorial de hoje, *Palavras ao Rey e ao Reyno*, do nosso querido camarada Guilherme de Ayala Monteiro, reservando-o para a primeira oportunidade.

"Pero Gallego,,

O senhor ministro do Interior autorizou a publicação do *Pero Gallego*, semanario integralista que vai sair em Viana do Castelo. O novo jornal será dirijido pelo nosso querido amigo dr. João Espregueira da Rocha Faria e servirá de orgão á delegação municipal integralista, brevemente instelada naquela gloriosa Cidade. O nome do novo semanario lembra uma pagina de sua historia,—é o nome dum ilustre navegador vianense, de quem as nossas cronicas navaes andam cheias. Saudamos o notavel esforço dos nossos amigos de Viana, a quem a causa da Patria deve a maior fé e a maior dedicação.

O senhor José Relvas, ministro

Dando-se o facto, que parece provavel, de o senhor ministro do trabalho transitar para a pasta da guerra, consta que para aquela pasta vae ser convidado o senhor José Relvas, que no governo provisorio sobraçou a pasta das finanças.

Empregados dos Electridos

Reuniram ontem, em assembleia geral, os empregados da Companhia Carris de Ferro de Lisboa e Anexos, para tomarem conhecimento dos trabalhos realizados pela comissão encarregada de tratar do aumento de salario.

Por essa comissão foram informados que os directores não poderão resolver sem que a Camara delibere autorizar o aumento de tarifas.

Na camara foi recebida uma comissão dos empregados da Companhia dos Electricos, que declarou:

1.º Não ser simpatico a eles o entrarem no caminho de uma gréve; 0.º que a companhia estava auferindo consideraveis lucros; e que os directores da companhia tornaram dependente o aumento dos salarios do pessoal da autorização da camara para aumentar as tarifas.

O sr. Pereira da Rosa, na sessão da camara, mandou para a mesa uma proposta para se apreciarem todos os elementos que a companhia possa fornecer sobre o seu estado financeiro e que se faça constar que as demoras que tem havido na resolução das pretenções da Companhia, a esta se devem atribuir.

A voz dos Mortos

Na passagem duma data negra, a data dos funerais das Victimas de 1 de fevereiro, reproduzimos para as colunas da *Monarquia* a carta dirigida por Mousinho de Albuquerque ao Principe-Real, D. Luis Filipe. E' a voz dos Mortos que se ergue com um extranho acento de revelação a apontar-nos o caminho,—o unico caminho que leva direito ao prestigio e á gloria. As palavras de Mousinho são na sua forte sobriedade a antecipação do nosso movimento. Podiam e deviam figurar numa futura *Filosofia de Principes*,—especie de breviario de educação politica, como esse que no seculo XVIII Bento José de Sousa Farinha coligiu com admiraveis fragmentos, arrancados a tantos dos nossos escritores esquecidos.

Na visão que Mouzinho como soldado possuia da grandeza da função real está contida toda a base da nossa doutrina. Em homenagem ao Vencido, que só de si não soube triunfar, a *Monarquia* repete mais uma vez as exortações da sua pêna vigorosa e rude. Destinavam-se elas a outro Sacrificado,—a outro Fantasma, cujo sangue inocente é uma poça de infamia de que não nos resgataremos tão cedo. Não conhecemos outro modo de melhor comemorar a data de hoje,—a data de miseria e de crime, em que os maiores criminosos não fôram tanto os que elevaram os braços homicidas, mas todos nós, toda uma Nação em peso, que tacitamente, sem uma revolta nem um protesto, deixou na impunidade o crime monstruoso.

Meu Senhor:

Quando Vossa Alteza chegou á idade em que a superintendencia da sua educação tinha que ser entregue a um homem Houve por bem El-Rei nomear-me Ayo do Principe Real. Foi Sua Magestade buscar-me ás fileiras do Exercito. Não escolheu por certo o militar de mais valor mas simplesmente aquele a quem uma serie de acasos felizes mais ensejo déra de provar que sabia, custasse o que custasse, obedecer ao que lhe era ordenado e que tambem sabia, doesse a quem doesse, fazer cumprir as ordens que dava.

Não por certo a Vossa Alteza como filho e como subdito e menos a mim como soldado compete apreciar e criticar as determinações de El-Rei. A Vossa Alteza como a mim deu Sua Magestade uma ordem, a ambos nós cumpre obedecer-lhe e nada mais. Mas para bem lhe obedecer não basta ver-lhe a letra, é necessario estuda-la e entende-la, descortinar-lhe o espirito. Escolhendo um soldado para vosso Ayo que fez El-Rei? Subordinou a educação de Vossa Alteza ao estado em que se acha o país.

Nesta epoca de dissolução, em que tão afrouxados estão os laços da disciplina, entendeu Sua Magestade que Portugal precisava mais que de tudo quem tivesse vontade firme para mandar, força para se fazer obedecer.

E como ninguem póde ensinar o que não sabe, o que não te m praticado, foi El-Rei procurar o Voso Ayo á classe unica em que se encontra quem obedeça sem reticencias e mande sem hesitações.

Por esse motivo o primeiro dos meus deveres é fazer de Vossa Alteza um soldado. E' Vossa Alteza, Principe, ha-de ser Rei, ora Principe e Rei que não conhece por ser soldado é menos que nada, é um ente hybrido cuja existencia se não justifica. Ha poucos anos andava pela Europa, num exilio vagabundo de judeu errante, um Imperador, que num momento de crise esqueceu que o seu titulo, vinha do latim *Imperator*, epiteto com que se saudavam os vencedores, e que se não vence sem desembainhar a espada—*sine sanguine victoria non est*—Por um empregado já subiu um Rei ao cadafalso e outros foram despedidos do trono para o exilio sempre doloroso humilhante. Principe que não fôr soldado de coração traça **Rei póde vir a ser.**

O que foram na verdade os Reis primitivos?

Guerreiros audaciosos que os companheiros de armas levantaram nos escudos acima das suas cabeças. E o que foi o maior de entre os Reis, aquele cujo nome ribomba como um trovão na historia deste seculo?

Um militar ambicioso que, elevado ao Imperio pelos seus soldados, não se deu por contente emquanto não poz o pavor que levantára em cima das costas dos outros Reis da Europa que lhe serviram de pés ao trono. E entretanto, a despeito da sua incomparavel grandeza de animo, a despeito das qualidades unicas de mando com que a Providencia o dotára, talvez para castigo de muitos por certo para exemplo de todos cain esse colosso e o grande Imperador foi derrubado por esses mesmos que tanta vez vencera. Faltava-lhe a tradição da Monarquia, da linhagem Real que cimenta e consagra a autoridade dos Reis legitimos.

Mas n'essas mesmas linhagens Reaes só foram grandes os que souberam lançar mão da espada sempre que lhes foi necessario. Por isso, repito, primeiro, que tudo tem Vossa Alteza que ser soldado.

Aprenderá a sê-lo na historia de seus avós. Este reino é obra de soldados. Destacou-o da Hespanha, conquistou-o palmo a palmo um principe aventureiro, que passou a vida com a espada segura entre dentes: escalando muralhas pela calada da noite, expondo-se á morte a cada momento, tão queimado do sol tão cortido dos vendavaes como o mais infimo dos peões que o seguia. Firmou-lhe *independencia o Rei de boa memoria, que tantas* noites dormiu com as armas vestidas e a espada á cabeceira, bem distante dos régalos dos Paços Reais.

E, para a formação da Vossa Casa, concorrem com ele o mais bravo dos seus guerreiros, que simbolisou e resumiu em si quanto havia de nobre e puro na historia Medieval, um heroe e um santo. Mais tarde o Principe Perfeito, depois de haver mostrado que sabia tercer lanças em combate como o melhor dos cavaleiros, depois de haver abatido de vez todas as cabeças que se erguiam por demais altivas perante a Coroa Real, deu pela força da sua vontade de ferro um impulso de tal ordem ás nossas naus que foram ter ao Cabo da Boa Esperança, abrindo a Portugal o caminho por onde chegou ao apogeo da gloria. *Soldados* se lhes pode bem chamar a estes porque tiveram o desapego da vida, a força no mando, a obediencia cega aquilo que acima de tudo deve imperar nos Reis—a ideia fixa e pertinaz de glorificação do seu nome e da grandeza do Reino onde Deus os fez os primeiros entre os homens.

Para não ser injusto nem ingrato não deve Vossa Alteza lembrar-se somente dos felizes porque nem só eles foram soldados. Houve um Rei de Portugal, que não podendo ser vencedor, soube morrer heroe. Não tendo alcançado a victoria ambicionada, procurou a morte gloriosa. «A liberdade Real só se perde com a vida» foram as ultimas palavras que se lhe ou-

Paz na familia?

Do *Diario de Noticias*, sem mais palavra, para não lhe tirar o sabor:

A Maçonaria e o Governo

Noticiando um jornal do Porto que o sr. ministro do interior visitará o Grande Oriente Lusitano, a que pertence e ali convidará os maçons a cooperarem na obra de pacificação que o governo se impoz, informa-nos de que os factos se passaram da seguinte maneira:

Uma comissão do Grande Oriente é que procurou o sr. ministro do interior no seu gabinete, tendo á frente o presidente da Grande Dieta (parlamento-maçonico) que é democratico. Essa comissão ia pedir ao sr. ministro a libertação dos presos politicos maçons. O sr. ministro respondeu que nem ele nem o governo de que fazia parte tinha desejo de que a situação anormal se prolongasse, mas que isso dependia mais dos adversarios do governo e da propria Maçonaria, que dele.

O interesse do governo era que a acalmia se restabelecesse de depressa e que, portanto, pedia aos membros da comissão que fizessem o possivel para que a Maçonaria concorresse com a sua força de persuação para se amortecerem as paixões, fazendo desaparecerem os odios politicos. Que trabalhando a Maçonaria nesse sentido a tranquilidade ostaria restabelecida em prev s dias, nunca mais se teriam de pôr tropas de prevenção como sucedera dois dias antes pelo fervilhar dos boatos, que até aos presos politicos acusavam de conspirar dentro das prisões.

A Comissão Maçonica prometeu colaborar com o governo nessa obra de paz e retirou-se agradecendo ao ministro as intenções pacificadoras, suas e do governo.

Arquive-se a titulo de curiosidade, emquanto nos não servir de explicação a muita coisa que para aí se anuncia.

Uma comissão delegada de todos os serviços dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste esteve hoje com o sr. ministro do trabalho, tratando de assuntos de interesse do respectivo pessoal.

Escola da Arte de Representar

Como estava anunciado, realizou-se ontem no teatro Nacional a repetição da *matinée* dos alunos da Escola da Arte de Representar que no domingo passado tão justificado exito alcançou. Foi uma bela tarde de arte e uma afirmação notavel do progresso daquele estabelecimento de ensino que dia a dia vai chamando sobre si a atenção do publico inteligente e o aplauso daqueles espiritos que não tem do teatro o conceito de uma simples industria lucrativa.

As demonstrações da comedia antiga (D. Francisco Manuel e Molière), a apresentação de alunas do curso especial de bailarinas, a reconsitituição rigorosa de um sarau do seculo XVIII em que reviveram os modos, as letras e a musica da epoca, bastariam para mostrar que é unicamente a Escola da Arte de Representar a unica instituição que hoje mantem com nobreza a tradição do velho teatro portuguez.

Reconhece-lo é um simples acto de justiça e um dever de todos aqueles que sinceramente creem na ressurreição de todos os valores nacionais e em melhor destino da arte portuguesa, ha tanto tempo escravizada aos interesses da mais baixa industria.

No momento em que o teatro português parece ter descido ao ultimo grau de relaxamento, o exemplo da Escola da Arte de Representar é digno do maior aplauso.

LIGA NAVAL

Teve enorme concorrencia o baile infantil realizado ontem, á tarde, nas salas da Liga Naval. Mais de duzentas crianças estiveram nessa festa explendida, sendo grande o numero de «costumes» graciosos e alguns de grande riqueza e bom gosto.

Toda essa pequena multidão alegre e irrequieta encheu de animação as salas da Liga, dançando e jogando «confetis» e serpentinas com um entusiasmo bem sugestivo.

A meio da tarde e com grande gaudio da assistencia funcionou o teatro Guignol. Na sala do «tea» tambem a concorrencia foi grande.